

OS EFEITOS DE SENTIDO DE UMA QUESTÃO CONTROVERSA: O CASO DA *REPÚBLICA DE CURITIBA*

THE EFFECTS OF MEANING OF A CONTROVERSIAL ISSUE: THE CASE OF THE *REPUBLIC OF CURITIBA*

David José de Andrade Silva⁷⁶

RESUMO: A história recente da política nacional brasileira, principalmente após os ocorridos na eleição presidencial de 2014, é marcada pela polarização política entre a esquerda, conhecida pelo pensamento progressista, e a direita, conhecida pelo pensamento conservador. Um dos locais que se tornaria o símbolo da disputa de forças em Brasília é o município de Curitiba, capital do estado do Paraná, onde foi deflagrada a Operação Lava-Jato, responsável pela investigação sobre crimes de corrupção na esfera governamental. O presente trabalho tem o objetivo de discutir os efeitos de sentido causados pelo enunciado “República de Curitiba” a partir da Análise do Discurso e quais as implicações sociais e políticas que decorrem dessa alcunha.

PALAVRAS-CHAVE: República de Curitiba; disputa política; análise de discurso

ABSTRACT: The recent Brazilian political history, mainly after the events during the presidential race in 2014, is remarked by the polarization between the left wing tendency, known by the progressive thinking, and the right wing tendency, known by the conservative thinking. One of the places which would become the symbol of the battle of these forces in Brasília is the city of Curitiba, capital of the state of Paraná, where it was started the “Car Wash Operation”, responsible for the investigation of corruption crimes in the governmental sphere. The present paper aims to discuss the meaning effects caused by the statement “Republic of Curitiba” based on the Discourse Analysis and which social and political implications are generated after this name.

KEYWORDS: Republic of Curitiba; political battle; Discourse Analysis

INTRODUÇÃO

A polarização política brasileira é um fenômeno intensificado nos últimos anos, principalmente após as eleições presidenciais de 2014 quando o país ficou praticamente dividido entre simpatizantes e militantes da situação (lado vitorioso), considerado de formação ideológica esquerdista, e os opositoristas, capitaneados por lideranças de direita.

A pressão popular pode ser classificada como um componente legitimador para as decisões ocorridas na capital federal, culminando no processo de impedimento somente da titular da chapa vencedora à

⁷⁶ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e docente do Instituto Federal do Paraná- Campus Jacarezinho. dajoas@gmail.com

presidência. Ironicamente, o estopim do movimento que encorajou antipatizantes do governo petista a sair às ruas para protestar nasce nas manifestações de 2013, cuja pauta inicial era o passe livre para estudantes (após o aumento da tarifa do transporte público de São Paulo e Rio de Janeiro) e transforma-se em um movimento contra a corrupção. Esta última passa a predominar na agenda à medida que outro evento fortalece-se midiaticamente: a Operação Lava-Jato.

As investigações da Política Federal aliadas às delações premiadas acolhidas pela Justiça Federal sediada em Curitiba instauraram um processo profundo de midiaticização de um esquema de propina e suborno entre políticos e empresas de proporções consideradas maiores que o conhecido “mensalão”. Embora haja a ciência de que os atos ilícitos foram praticados por representantes tanto de esquerda quanto de direita, a condução das informações divulgadas nos veículos de massa alimentavam a ideia de que o protagonismo da corrupção era único e exclusivo da estrela solitária vermelha. Logo, se já havia o recalque pela eleição perdida em 2014, as seguidas publicações de desvios de recursos públicos para enriquecimento ilegal somadas ao mau desempenho econômico fortaleceram a derrocada provisória de Dilma Rousseff do poder e a ascensão da oposição.

Nesse cenário belicoso, as declarações das principais lideranças políticas ganham importância dobrada em virtude de seu potencial para angariar novos aliados ou aprofundar a animosidade. Um trecho do áudio da conversa grampeada entre Luís Inácio Lula da Silva (doravante Lula) e Dilma Rousseff (doravante Dilma), cuja divulgação fora autorizada pelo juiz federal Sérgio Moro em meados de março de 2016, provocou uma reação inusitada no jogo de poder em tela. O enunciado em questão é: “Eu sinceramente estou assustado é com a República de Curitiba”. O que era para ser uma referência em tom de alerta aos encaminhamentos de Sérgio Moro em nome da Operação Lava-Jato, torna-se um símbolo de apoio e orgulho da população curitibana ao juiz, como se ele representasse o último bastião da moralidade do país.

O presente trabalho tem o objetivo de analisar os efeitos de sentido provocados pela sequência discursiva de referência “República de Curitiba”, partindo das condições de produção de sua formulação/ emergência, para então circunscrever os domínios de memória aos quais reporta e então descrever como se estabelecem os laços com o campo da ideologia. Para tal, será utilizado como referencial teórico a Análise de Discurso Francesa (doravante AD), a partir dos estudos de Pêcheux (1988), Courtine (2009), Orlandi (2008), Cazarin (1998). Também será complementada, na análise, o conceito de ideologia a partir de Althusser (1980).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS PRELIMINARES

O encaminhamento metodológico inicial para a pesquisa na Análise de Discurso consiste na determinação, conforme Courtine (2009, p. 107-108), “da escolha de uma sequência discursiva como ponto de referência, a partir do qual o conjunto de elementos do *corpus* receberá sua organização”, denominada de sequência discursiva de referência (SDR), que é “República de Curitiba”.

Em seguida, faz-se necessário, antes de partir-se para o estudo em si, delimitar os conceitos que aqui serão trabalhados para entender o objeto que se propõe a investigar. O primeiro ponto a se destacar é a fundamentação da AD, cuja base epistemológica é composta pelo *materialismo histórico*, a *linguística* e a *teoria do discurso* (CAZARIN, 1998, p.6).

No que se refere ao materialismo histórico, é altamente relevante ao presente debate a questão da ideologia que, segundo Althusser (1980, p.82), seria a relação imaginária dos indivíduos com as relações reais que vivem. E a relação entre a ideologia e o indivíduo é chamada por Althusser (1980, p.99) de *interpelação*, nos seguintes termos:

Sugerimos então que a ideologia “age” ou “funciona” de tal forma que “recruta” sujeitos entre os indivíduos (recruta-os a todos), ou “transforma” os indivíduos em sujeitos (transforma-os a todos) por esta operação muito precisa a que chamamos de *interpelação* (...)

Para o autor, a ideia de indivíduo seria, na prática, inexistente, tendo em vista que, desde o ventre materno, já ocorre o processo de inscrição do sujeito por sua família. Portanto, “os indivíduos são sempre-já sujeitos” (ALTHUSSER, 1980, p. 102). Neste sentido, não faria sentido posicionar a análise do fenômeno “República de Curitiba” de forma objetiva, asséptica: parte-se do pressuposto de que há, efetivamente, uma disputa ideológica representada por sujeitos pertencentes a correntes distintas sob o rótulo de Aparelhos Ideológicos do Estado (AIE) concorrentes.

Os AIE (ALTHUSSER, 1980, p.44) específicos são os dois grandes blocos políticos que, desde a retomada da democracia, têm disputado o poder nas três esferas governamentais (municipal, estadual e federal), com destaque para a supremacia no comando da nação. De um lado, um partido identificado com a classe trabalhadora (cujo nome é Partido dos Trabalhadores), possui um projeto voltado à justiça social, à valorização das minorias étnicas e sociais e à intervenção do Estado como agente de desenvolvimento econômico. Suas alianças iniciais envolviam apenas partidos de correntes socialistas ou comunistas, mas, para a manutenção do poder, passou a aliar-se a outras alas de vertente mais conservadora. De outro lado, um partido identificado com a classe patronal (denominado Partido da Social Democracia Brasileira), cujo projeto visa o provimento de serviços públicos essenciais a partir da

desoneração do Estado, o liberalismo econômico e o atendimento às demandas de setores mais tradicionais da sociedade nas políticas públicas.

Popularmente, associa-se a imagem do PT à corrente político-ideológica historicamente conhecida como de *esquerda* e a do PSDB à de *direita* (por isso, em alguns momentos no texto, haverá esse intercâmbio de sentidos), mesmo que esses partidos sejam, conforme o próprio Althusser (1980, p.54) coloca, “<relativamente autônomos> e susceptíveis de oferecer um campo objetivo a contradições que exprimem”, como todo AIE se caracteriza. Assim, o que está em jogo nessa luta de classes é um dos lados tornar-se a dominante, conseqüentemente, determinando a ideologia dominante. Segundo Pêcheux (1988, p. 147):

O aspecto ideológico da luta para a transformação das relações de produção se localiza, pois, antes de mais nada, na luta para impor, no interior do complexo dos aparelhos ideológicos de Estado, novas relações de desigualdade-subordinação (...)

O produto da fricção entre a disputa de forças entre os lados antagônicos é o que realmente interessa para uma análise de discurso: como a ideologia atua no fazer discursivo dos sujeitos. Nesse aspecto, Pêcheux (1988, p.157) retoma a metáfora do “recrutamento” proposta por Althusser (1980, p.99):

Se é verdade que a ideologia “recruta” sujeitos entre indivíduos (no sentido em que os militares são recrutados entre os civis) e que ela os recruta a *todos*, é preciso, então, compreender de que modo os “voluntários” são designados nesse recrutamento, isto é, no que diz respeito, de que modo todos os indivíduos recebem como evidente o sentido do que ouvem e dizem, lêem ou escrevem (...)

A postura de guerra em torno da questão da “República de Curitiba” vai ao encontro da analogia ao recrutamento militar, pois os lados envolvidos na questão colocam-se em constante disputa chegando, em alguns casos, à agressão física e psicológica. Assim, os sujeitos assumem-se como “soldados” com o objetivo de vencer o “exército inimigo” na disputa de trincheiras, transcendendo a normalidade da militância política. À medida que uma discussão torna-se uma contenda, esse novo papel naturaliza-se, pois já não há mais cidadãos atuando na urbanidade, mas o retorno às disputas da Idade Média, onde só os fortes sobreviveriam. Na visão de Althusser (1980, p.86):

O indivíduo em questão conduz-se desta ou daquela maneira, adota este ou aquele comportamento prático e, o que é mais, participa em certas práticas reguladas, que são as do aparelho ideológico de que “dependem” as ideias que enquanto sujeito escolheu livremente, conscientemente.

A animosidade gerada pela expressão “República de Curitiba” é, logo, mais um capítulo na luta de classes que confirma a postulação de Pechêux (1988, p.160) sobre a questão do sentido e seus efeitos, o que prova mais uma vez que o discurso não se origina no sujeito, mas na exterioridade:

(...) o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe “em si mesmo” (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). Poderíamos resumir essa tese dizendo: *as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às *formações ideológicas* (...) nas quais essas posições se inscrevem.

Nesse ponto, cabe também destacar que a sequência discursiva de referência (doravante SDR) ocorre em um determinado momento histórico, o que possibilita aos interlocutores ter uma dimensão mais profunda da discussão. Para isso, faz-se necessário conceituar as condições de produção (CP) que, segundo Cazarin (1998, p.21):

Quando se diz algo, se diz de algum lugar da sociedade para alguém também de algum lugar da sociedade e isso faz parte da significação. Há nos mecanismos de toda formação social regras de projeção que estabelecem a relação entre as situações concretas e as representações dessas situações no interior do discurso. Diante disso, é preciso considerar o lugar social dos interlocutores.

Courtine (2009, p.108) aborda a importância das condições de produção no aspecto metodológico, com vistas a oferecer aos analistas de discurso orientações de como proceder frente ao objeto pesquisado (SDR):

Escolher uma sequência discursiva de referência equivale assim a determinar a pertinência histórica de tal conjuntura, a situar a produção dessa sequência na circulação de formulações trazidas por sequências discursivas que se opõem, se respondem, se citam..., a descrever, enfim, o âmbito institucional e as circunstâncias enunciativas dessa produção.

Por fim, para completar os elementos utilizados para a análise, será dado destaque à noção de memória discursiva que, conforme Courtine (2009, p.112):

É a partir do domínio da memória que poderemos apreender os funcionamentos discursivos de encaixe do pré-construído e de articulação de enunciados (no sentido dado a esses termos): isso equivale a dizer que o domínio da memória representa, num plano de organização de um *corpus*

discursivo, o interdiscurso como instância de constituição de um discurso transversal que regula para um sujeito enunciativo, produzindo uma sdr em cp determinadas, o modo de doação dos objetos de que fala o discurso, assim como o modo de articulação desses objetos: é a partir do domínio de memória que se poderá aproximar os processos que garantem a referência dos nomes por um sujeito enunciativo e autorizam, assim, a predicação e a correferencialidade.

Portanto, para compreender a SDR “República de Curitiba”, também faz-se mister analisar a memória discursiva que foi acionada pelo ex-presidente Lula no momento em que dialoga com a então presidenta Dilma sobre a crise pelo qual o governo passava, que será a próxima seção.

REPÚBLICA DO GALEÃO E REPÚBLICA DE CURITIBA

O ex-presidente Lula é notório pela sua liderança política, pelo período em que esteve à frente do governo federal, por cunhar expressões populares como “deixa o homem trabalhar” e “nunca antes na história deste país...” e também por se utilizar da interdiscursividade para marcar eventos expressivos, apelando recorrentemente a outro presidente de expressão na história do país: Getúlio Vargas.

O governo de Getúlio Vargas, marcado pelo populismo (ele era conhecido como o “pai dos pobres”) e por vários progressos sociais (como a abertura para as mulheres votarem), educacionais (a criação de universidades) e econômicos (a criação de grandes empresas estatais como a Companhia Vale do Rio Doce e a Petrobrás), é tão emblemático que se utiliza, didaticamente, a expressão “Era Vargas” para se referir ao seu governo. Poucos presidentes gozam deste *status*, como o próprio Lula, cuja gestão é também referenciada como “Era Lula”. Assim, as semelhanças entre os projetos políticos de Vargas e Lula foram utilizados por este último para reavivar um momento áureo para os brasileiros, principalmente os das camadas populares.

A repercussão da associação da figura de Lula à de Vargas também provocou o posicionamento de acadêmicos sobre a validade dessa relação. Em 2006, a Gazeta do Povo On-line publicou uma entrevista com o Prof. Ricardo Costa de Oliveira (OLIVEIRA, 2006), da Universidade Federal do Paraná, onde este analisou a questão e declarou que “Não dá pra esquecer o mito e o carisma do presidente Lula. Vale lembrar que desde Getúlio Vargas, ele é o maior líder brasileiro.” Em 2009, à jornalista Marcela Oliveira (OLIVEIRA, 2009), do portal G1, o historiador Celso Carvalho Júnior disse que Lula “tenta associar sua imagem ao desenvolvimentismo nacionalista. Não tentar se desvencilhar das comparações com Getúlio Vargas, principalmente se forem positivas.” Portanto, a legitimidade da comparação atingia camadas sociais

diversificadas, mesmo que houvesse pontos de divergência entre os ex-presidentes, facilmente explicado pelos momentos históricos em que viveram.

Assim, levando-se em consideração a memória de Vargas evocada por Lula e as condições de produção de cada episódio, é possível aventar uma conexão entre a “República de Curitiba” e a “República do Galeão”. O primeiro, a ser melhor detalhado na sequência, é uma análise de Lula a respeito das iniciativas tomadas pelo juiz Sérgio Moro no processo investigativo da Operação Lava-Jato, as quais poderiam ser consideradas, pelos apoiadores de Dilma, abusivas e afrontosas ao estado de direito. O segundo, ocorrido em 1954, refere-se à instituição de um Inquérito Policial Militar (IPM) visando a investigação do atentado contra o jornalista Carlos Lacerda, ferrenho opositor ao governo Vargas, que teve como principal baixa o major da aeronáutica Rubens Vaz, responsável pela segurança do alvo principal. A partir da morte do oficial, os militares conduziram a investigação à revelia das demais autoridades competentes e, por terem como base o aeroporto do Galeão na capital carioca, sobrepuseram seu poder ao do Estado, constituindo-se em um poder paralelo, uma república dentro de outra: a República do Galeão.

O resultado principal da IPM foi o aumento da pressão sobre Vargas para que deixasse a presidência, o que viria a ocorrer colateralmente em virtude de seu suicídio em 24 de agosto de 1954. Assim, o alerta dado por Lula a Dilma não se restringia somente à salvaguarda da gestão dela, mas, principalmente, a sua própria imagem. Tanto apoiadores quanto detratores de Lula sustentam a tese de que a Operação “Lava Jato” tem por objetivo principal chegar até ele. Sobre isso, Roberto Amaral (2016), colaborador da revista Carta Capital, publicado no site homônimo no dia 11/02/2016, em tom de protesto e clara referência ao juiz Moro, mantém as comparações entre a República de Curitiba e a do Galeão:

E assim sem leis a observar, desconhecendo limites a obedecer, o comandante do inquérito, ou presidente dessa República auto-constituída dentro da República constitucional, tornou-se um reizinho absoluto, porque tudo podia, todas as diligências, todas as prisões, senhor que era de todas as jurisdições. Porque tinha o respaldo de seus superiores – fortalecidos em face da fragilidade crescente do governo e de seu chefe – e o aplauso da imprensa, que o incentivava.

Lula, consciente ou inconscientemente, utiliza-se da memória de Vargas também para retratar um momento conturbado da gestão petista liderado por Dilma, mesmo tendo eventos mais recentes com algumas semelhanças, como o próprio impeachment de Fernando Collor de Mello, a renúncia de Jânio Quadros ou a deposição de João Goulart. Embora, dentre os casos citados, a menção a Collor fosse menos provável, a opção por manter a conexão com Vargas aparenta ser mais do que uma estratégia midiática, mas uma identificação real, principalmente se for considerado que Lula cunhou a

expressão “República de Curitiba” em uma conversa telefônica com Dilma, e não em um pronunciamento público. Nesse sentido, recorre-se a Courtine (2009, p.112), pois, como convida o autor:

Notemos, enfim, no interior do domínio de memória, a possibilidade de delimitar um domínio das formulações-origem. O domínio das formulações-origem não atribui, de modo algum, um “começo” ao processo discursivo, mas constitui o lugar onde se pode determinar, no desenvolvimento do processo discursivo, o surgimento de enunciados que figuram como elementos do saber próprio a uma FD.

Portanto, pode-se considerar que, embora não haja evidências comprovadas de que Getúlio Vargas estivesse politicamente alinhado com a esquerda, sua imagem funciona no discurso de Lula como referência de um político voltado para o povo e, logo, incorporou-o ao seu repertório discursivo, pela memória, sob a perspectiva de um representante da esquerda. Esse fenômeno pode ser explicado, talvez, pelo ex-presidente ter passado sua primeira infância na Era Vargas e, provavelmente, por sua família ter sido beneficiada por pelas políticas sociais à época, ou por haver um discurso predominante de enaltecimento de Getúlio que era reproduzido em várias esferas sociais.

A PREDOMINÂNCIA IDEOLÓGICA DE CURITIBA

A história da *Operação Lava Jato*, apesar de iniciada há pouco tempo, pode ser considerada um marco no aumento da polarização política (além de outras áreas). Se, por um lado, a investigação reacendeu a esperança da população na punição de agentes públicos e privados corruptos, por outro, aparentou centrar suas ações no partido da então situação (de ideologia de esquerda) em detrimento de participantes cuja legenda era oposicionista (de ideologia de direita). Assim, a Lava Jato tornou-se praticamente um pano de fundo para a continuidade da disputa entre os polos envolvidos, mas teve em Curitiba um terreno “fértil” para pender para um dos lados.

A capital paranaense é conhecida nacionalmente pelo clima predominante frio, pelo transporte público (considerado modelo por muitos anos), pela população pouco acolhedora (se comparado à imagem genérica do brasileiro) e pela prosperidade econômica, o que a coloca no patamar do tão aclamado modelo europeu, como se este fosse um padrão a ser almejado por qualquer lugar do mundo. O que é pouco divulgado sobre Curitiba é a predominância político-ideológica expressada pelas disputas eleitorais municipais e estaduais. Esta última será inclusa considerando que só a população da capital representa 18% do estado inteiro do Paraná.

Iniciando pela prefeitura, a relação dos prefeitos eleitos, após a retomada da democracia, é a seguinte (WIKIPÉDIA, 2018)⁷⁷:

Tabela 1 – Lista de prefeitos de Curitiba após a retomada da democracia

Roberto Requião	PMDB	1986	31 de dezembro de 1988
Jaime Lerner	PDT	1º de janeiro de 1989	31 de dezembro de 1992
Rafael Greca	PFL	1º de janeiro de 1993	31 de dezembro de 1996
Cássio Taniguchi	PFL	1º de janeiro de 1997	31 de dezembro de 2000
		1º de janeiro de 2001	31 de dezembro de 2004
Carlos Alberto Richa <i>Beto Richa</i>	PSDB	1º de janeiro de 2005	31 de dezembro de 2008
		1º de janeiro de 2009	30 de março de 2010
Luciano Ducci	PSB	30 de março de 2010	31 de dezembro de 2012
Gustavo Fruet	PDT	1º de janeiro de 2013	31 de dezembro de 2016
Rafael Greca	PMN	1º de janeiro de 2017	Até o momento

(Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_prefeitos_de_Curitiba)

Por mais que constem cinco siglas partidárias diferentes, é sabido no âmbito da política paranaense que praticamente o mesmo grupo, iniciado por Jaime Lerner, predominou de 1989 a 2012 no poder. Gustavo Fruet, embora tenha concorrido com o candidato da situação na eleição de 2012, não pode ser considerado um político de vertente popular, pois construiu sua carreira por muitos anos pelo PSDB (inclusive concorreu para o Senado por esta legenda em 2010). Logo, Roberto Requião, o primeiro candidato eleito após 1964, pode ser visto como representante de ideologia esquerdista a ter comandado o município.

O governo estadual não modifica muito a preferência paranaense por políticos alinhados com o pensamento de centro-direita. Para tornar a visualização melhor, serão destacados em cinza os períodos dirigidos por políticos de esquerda:

Tabela 2 – Lista de governadores do Paraná eleitos na transição da ditadura militar para o democrático

José Richa	PMDB	15 de março de 1983	9 de maio de 1986	governador eleito por sufrágio universal
João Elísio Ferraz de Campos	PMDB	9 de maio de 1986	15 de março de 1987	vice-governador eleito por sufrágio universal, assumiu o cargo de governador

⁷⁷ Optou-se por utilizar a Wikipédia porque, ao contrário do site da Prefeitura de Curitiba, constam as legendas partidárias dos prefeitos eleitos. Vide em <http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/relacao-dos-prefeitos-de-curitiba/4>. O mesmo critério vale para os governadores.

Álvaro Dias	PMDB	15 de março de 1987	15 de março de 1991	governador eleito por sufrágio universal
Roberto Requião de Mello e Silva	PMDB	15 de março de 1991	2 de abril de 1994	governador eleito por sufrágio universal
Mário Pereira	PMDB	2 de abril de 1994	1º de janeiro de 1995	vice-governador eleito por sufrágio universal, assumiu o cargo de governador
Jaime Lerner	PDT	1º de janeiro de 1995	1º de janeiro de 1999	governador eleito por sufrágio universal
Jaime Lerner	PFL	1º de janeiro de 1999	1º de janeiro de 2003	governador reeleito por sufrágio universal
Roberto Requião de Mello e Silva	PMDB	1º de janeiro de 2003	4 de setembro de 2006	Governador eleito por sufrágio universal.
Hermas Eurides Brandão		4 de setembro de 2006	1º de janeiro de 2007	presidente da Assembleia Legislativa
Roberto Requião de Mello e Silva	PMDB	1º de janeiro de 2007	1º de abril de 2010	Governador reeleito por sufrágio universal.
Orlando Pessuti	PMDB	1º de abril de 2010	31 de dezembro de 2010	vice-governador eleito por sufrágio universal,
Carlos Alberto Richa	PSDB	1º de janeiro de 2011	31 de dezembro de 2014	governador eleito em sufrágio universal
Carlos Alberto Richa	PSDB	1º de janeiro de 2015	06 de abril de 2018	governador reeleito por sufrágio universal
Cida Borghetti	PP	06 de abril de 2018	31 de dezembro de 2018	Vice-governadora eleita por sufrágio universal. Assumiu o governo em face da renúncia do titular.
Carlos Roberto Massa Júnior (Ratinho Jr.)	PSD	01 de janeiro de 2019	Até o momento	governador eleito em sufrágio universal

(Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_governadores_do_Paran%C3%A11)

Cabe ressaltar novamente que, a despeito dos partidos, os grupos políticos não necessariamente seguem a mesma ideologia. José Richa, por

exemplo, elegeu-se pelo PMDB (mesmo partido de Roberto Requião), mas saiu para fundar o PSDB, movimento acompanhado depois por Álvaro Dias (que hoje está no PV). Portanto, dos aproximadamente 30 anos de eleições para governador do estado, somente Roberto Requião conseguiu romper a tradição política unilateral por 12 anos em intervalos distintos (sendo os últimos 8 anos alinhados com a eleição e reeleição de Lula).

É coerente afirmar, logo, que, embora Curitiba tenha sediado a Operação Lava Jato em função das investigações de lavagem de dinheiro em postos de gasolina iniciadas no ano de 2009, longe das disputas políticas atuais, a constituição da “República de Curitiba” ganhou adeptos fervorosos na batalha ideológica.

CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO

As condições de produção do objeto ora sob análise exigem uma breve recapitulação sobre a complexa situação em que o país se encontrava no final de 2014 e ao longo de 2015, com alguns resquícios de 2013.

A tensão política logo após a posse de Dilma para seu segundo mandato permanecia latente e intensificou-se quando o deputado federal Eduardo Cunha saiu vitorioso na disputa pela presidência da Câmara. Assim, Dilma não somente deveria lidar com a herança de um país dividido no período eleitoral de 2014, mas também entrar em um embate severo contra a Câmara dos Deputados para emplacar projetos de seu interesse.

Em pouco mais de um ano de mandato como presidente, Eduardo Cunha, pertencente ao mesmo partido do vice-presidente Michel Temer (o que, como vimos acima, não garante que sejam da mesma corrente ideológica) decide romper com a situação e inicia uma estratégia de minar as ações do governo ao propor as conhecidas “pautas-bomba” e, em um movimento mais ousado, acolher um dos pedidos de impeachment contra a presidenta Dilma.

Conforme a oposição em Brasília crescia, a parte da população “derrotada” nas eleições de 2014 passou a organizar manifestações por todo o país, tal qual ocorreu em 2013, com uma mudança significativa de pauta. Se em 2013 começou uma luta “não só por R\$0,20”, a qual mudou para um pedido de reforma política e combate à corrupção, em 2015 era claramente uma campanha contra o PT, contra o governo de Dilma (pedindo sua renúncia) e em apoio à Operação Lava Jato (sinônimo de combate à corrupção).

O ambiente inóspito para o progresso de qualquer proposta da presidenta, em virtude das inúmeras dificuldades que enfrentava, ganha contornos dramáticos a cada notícia amplamente explorada sobre o fraco desempenho econômico do Brasil e, principalmente, pelo fechamento do cerco sobre Lula, representado na condução coercitiva autorizada por Moro no dia 04 de março de 2016. O impacto dessa diligência da Polícia Federal foi tão

significativo que em muitos veículos de comunicação chegou-se a aventar que seria a prisão do ex-presidente.

A “República de Curitiba” é anunciada durante diálogo privado entre Lula e Dilma, ocorrido também no dia 4 de março de 2016 e registrado em arquivo de áudio pelos investigadores da Operação Lava Jato durante a 24ª fase, denominada “Operação Aletheia”.⁷⁸ O conteúdo da conversa teve o sigilo retirado no dia 16 de março pelo juiz federal, no mesmo dia da nomeação de Lula para o Ministério da Casa Civil, ato que daria ao político foro privilegiado caso fosse indiciado pela justiça. Tanto a divulgação do áudio quanto a possível tentativa de Lula de evitar um julgamento em primeira instância causaram grande repercussão no país em vários sentidos: o possível intuito político de Moro em desgastar a imagem de Lula; a estratégia de obstrução das investigações contra ex-presidente; e as declarações deste, incluindo a forma que se referiu à capital paranaense. No dia 17 de março de 2016, foram organizadas inúmeras manifestações pelo país, entre passeatas, “buzinaços” e “panelaços”. O trecho em questão é o que segue abaixo:

Lula: - Nós temos uma Suprema Corte totalmente acovardada...

Dilma: - É isso aí.

Lula: - Nós temos um Superior Tribunal de Justiça totalmente acovardado... Um Parlamento totalmente acovardado... Somente nos últimos tempos é que o PT e o PC do B começaram a acordar e começaram a brigar... Sabe? Nós temos um presidente da Câmara fodido, um presidente do Senado fodido... Não sei quantos parlamentares ameaçados... Sabe?! E fica todo mundo no compasso de que vai acontecer um milagre e vai todo mundo se salvar... Eu sinceramente estou assustado é com a ‘República de Curitiba’. É porque a partir de um juiz de primeira instância tudo pode acontecer nesse país. Tudo pode acontecer. (METRÓPOLIS, 2016)

O que ocorre na sequência é a intensificação dos protestos pró e contra o governo petista e Sérgio Moro. Em especial, na cidade de Curitiba, há um engajamento maior em apoio ao juiz, com frequente concentração de pessoas em frente ao tribunal federal hasteando bandeiras do Brasil, conforme veiculado amplamente pela mídia televisiva, impressa e digital. Em adendo, a população curitibana assume-se pertencente à “República de Curitiba” e também passa a produzir novos enunciados de enaltecimento desse espaço, ressignificando a conotação atribuída por Lula inicialmente. Por outro lado, os simpatizantes e militantes de esquerda também produzem novos significados que contradizem ou questionam o status de justiça e idoneidade do protagonismo do juiz em tela e dos sentidos do enunciado em questão.

⁷⁸ *Aletheia* é uma palavra grega que significa “verdade”.

A REPÚBLICA DE CURITIBA

Em tempos de intensa midiaticização das relações, os enunciados ganham força ao transpor a barreira do texto escrito quando se transformam em imagens, marcas e, conseqüentemente, bens de consumo. Com a República de Curitiba, não poderia ser diferente.

A onda de produtos virtuais e físicos com o mote “República de Curitiba” reconfigurou a paisagem curitibana, desde sátiras nas redes sociais a placas publicitárias de dimensões grandes posicionadas em locais estratégicos da cidade. Em uma das peças, há uma camiseta⁷⁹ na qual há uma foto contendo Sérgio Moro no centro, ladeado pelos procuradores da república Carlos Fernando (à esquerda) e Deltan Dallagnol (à direita), com a expressão “República de Curitiba” seguida da frase “aqui se cumpre a lei”. Nota-se que, ao colocar nestes termos, o efeito de sentido pretendido é colocar que nessa república a lei é cumprida e no Brasil não.

Em outro material de circulação digital⁸⁰, emula-se um documento clássico contendo borda, data (16 de março, dia em que Sérgio Moro liberou os áudios de Lula e Dilma), a frase de efeito “aqui vagabundo não se cria”, que destoa dos outros elementos textuais e gráficos pelo seu alto teor informal, e outra frase dizendo “por um Brasil melhor”. O uso de “vagabundo” e o verbo “criar” remetem a uma linguagem coloquial utilizada em ambientes que lidam com o universo policiaisco, como os programas de televisão regionais sensacionalistas que cobrem as ocorrências no submundo da zona urbana. Na mesma peça, há novo estranhamento ao incluir “por um Brasil melhor”, como se a República de Curitiba, virtual, interviesse pela República do Brasil, real. Assim, a primeira mantém seu pertencimento à segunda.

Em um *outdoor*⁸¹ exposto em local público, há um texto baseado em outro áudio divulgado para compor a peça publicitária. Em um dos diálogos entre Lula e Dilma, ele se despede dela carinhosamente com a frase “Tchau, Querida!” O tratamento entre os amigos torna-se uma forma irônica de endosso ao coro dos que desejavam o impedimento da presidenta às vésperas da votação na Câmara Federal. A sátira era acompanhada da imagem de um grampo de cabelo, simbolizando o grampo telefônico que revelou as tratativas de Dilma e Lula, e a expressão “República de Curitiba” passa a ser a assinatura do texto, não mais a mensagem principal, como se os seus “cidadãos” estivessem enviando uma mensagem à governante da “outra nação”.

⁷⁹ Disponível em: https://www.gazetadopovo.com.br/ra/mega/Pub/GP/p4/2016/03/18/VidaPublica/Imagens/Cortadas/Protesto_Fora_Dilma%20-%20MA%20-24-kiIE-U102679341760IYG-1024x683@GP-Web.jpg. Acesso em 18 mar.2019.

⁸⁰ Disponível em: <https://pbs.twimg.com/media/Cet6HFpWwAAJLSB.jpg:large>. Acesso em: 18 mar. 2019.

⁸¹ Disponível em: http://www.poconeonline.com/imgs/post/45553_0_gr.jpg. Acesso em: 18 mar.2019.

No mesmo *outdoor*, há também a referência à comunidade na rede social Facebook que, aparentemente, é a articuladora dos eventos do grupo simpatizante. Vê-se, mais uma vez, o poder e a capilaridade internet por meio das redes sociais ao, por exemplo, constatarmos que, nesta página, um vídeo de Sérgio Moro presente no show da banda Capital Inicial foi visualizado por mais de 2 milhões de pessoas.

Retornando ao universo virtual, a produção de material de divulgação dos que contestam a República de Curitiba visa principalmente a imagem de Sérgio Moro e concentra-se nos espaços da internet. Sobre isso, Pechêux (1988, p. 147) coloca que: “A forma de contradição inerente à luta ideológica entre duas classes antagonistas não é *simétrica*, no sentido em que cada uma tenderia a realizar, em proveito próprio, a *mesma coisa* que a outra (...)”.

Logo, a estratégia dos defensores de Dilma centra suas ações na desqualificação do juiz sob ângulos diversos. Em uma imagem⁸² que circulou nas redes sociais, a defesa apoia-se no próprio discurso jurídico para indicar que um representante do Poder Judiciário teria, arbitrariamente, infringido a lei para fazê-la cumprir:

Sob o ponto de vista da ala de esquerda, a atitude de Moro teria caráter persecutório para se atingir o alvo principal: Lula. Logo, o juiz estaria abusando de sua autoridade e posição privilegiada não para fazer justiça, o que implicaria o uso dos mesmos mecanismos legais na direção de outros políticos na mesma proporção, mas para promover uma investida específica. Retomando outro trecho do texto de Roberto Amaral (2016), quando este comparou a perseguição que Vargas sofreu à que Lula está sendo submetido pelo representante da Justiça Federal de Curitiba:

Tudo queria, tudo podia e tudo alcançava porque seu objetivo, o objetivo do IPM e da ‘República’, não era apurar a morte do major guarda-costas, mas atingir, como afinal atingiria mortalmente, a honra do Presidente Getúlio Vargas, alvo da mais injuriosa, da mais violenta campanha de imprensa jamais no Brasil contra um chefe de estado.

Saindo do campo do Direito e partindo para o político-social, outra imagem⁸³ apela para, digamos, axiomas populares, tais quais aqueles que postulam, por exemplo, que “a justiça é só para os ricos” ou “só pobres vão para a cadeia”. Ou seja, parte-se do pressuposto que a “República de Curitiba” não seria tão justa quanto se diz, considerando que é mantido o *status quo* da ordem social desigual não somente econômica, mas no acesso a direitos. Assim, ao identificar os sujeitos de direita como ricos e os de esquerda como

⁸² Disponível em: https://3.bp.blogspot.com/-0ikH0VkjzYc/VwEH4WAKi_I/AAAAAAAAEBdk/wUJpE5VAtGltI8gpnjzxMTks6zH9J-Njw/s1600/.%2Ba%2BTransit%25C3%25B3rio%2B03.jpg. Acesso em: 18 mar. 2019.

⁸³ Disponível em: https://novobloglimpinhoecheiroso.files.wordpress.com/2015/06/sergio_moro25_bessinha.jpg?w=500&h=287. Acesso em: 18 mar.2019.

pobres, estabelece-se a relação partidária já descrita anteriormente e geram-se colocações como esta imagem⁸⁴.

Como último excerto, tem-se uma textualidade muito difundida e facilmente acolhida pelos brasileiros: o texto humorístico. Geralmente, utiliza-se a comicidade para falar de assuntos polêmicos ou tabus de tal forma que se possibilite uma reflexão sobre o tema em pauta, como ocorre em uma imagem de circulação nas mídias sociais.⁸⁵

A imagem central é composta pelos personagens principais da comédia fílmica “Débi e Lóide” (cujo jogo de palavras remete a “debiloide”, uma forma pejorativa de se dirigir a pessoas com déficit intelectual). Na parte superior, estão os nomes de Aécio (Senador Aécio Neves, candidato derrotado por Dilma na eleição de 2014), Joaquim Barbosa (ex-ministro do Supremo Tribunal Federal conhecido pelo protagonismo no julgamento do “Mensalão” e pela postura de oposição ao PT) e Cunha (Deputado Eduardo Cunha, já apresentado anteriormente). Na parte inferior, constam os dizeres “agora a modinha é: SOMOS MORO”, fazendo referência novamente ao juiz federal. A composição da imagem possibilita entender que: 1) todo apoio aos opositores do PT são temporários e dependem do destaque na mídia; 2) essa postura é tida como acrítica, ou impensada, considerando os personagens no centro da imagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pretendeu-se nesse trabalho analisar a sequência discursiva de referência “República de Curitiba” por meio da AD e traçar alguns dos efeitos de sentido provocados por essa expressão, bem como os posicionamentos ideológicos imbricados para a produção da mesma e as implicações discursivas.

Os pontos nodais levantados indicaram vários aspectos a serem considerados. Primeiro, o ex-presidente Lula, ao cunhar a expressão-objeto, utilizou-se da memória discursiva para remeter ao episódio da República do Galeão, ocorrido no período de Getúlio Vargas, cuja imagem populista é refletida no ex-presidente petista. Segundo, a historicidade da cidade de Curitiba fê-la constituir-se em espaço apropriado para mudar o sentido da expressão, que inicialmente era em tom de protesto contra a justiça federal curitibana, para tornar-se um símbolo do combate à corrupção e oposição ao PT. Terceiro, as condições de produção que envolveram o diálogo entre Dilma e Lula configuravam em um ambiente de tensões componentes dos embates sociais e políticos dos últimos três anos. Por fim, verificaram-se os efeitos de

⁸⁴ Disponível em: https://novobloglimpinhoecheiroso.files.wordpress.com/2015/06/sergio_moro25_bessinha.jpg?w=500&h=287. Acesso em: 18 mar.2019.

⁸⁵ Disponível em: https://3.bp.blogspot.com/--NR3y_6P0I0/WiXmrS-52fi/AAAAAAAAABWIs/e1dcq8PaAb8HnKYDGRBVgLY0IYeO9vhKwCLcBGAs/s1600/aeciocunha_moro.jpg. Acesso em: 18 mar. 2019.

sentido produzidos pela sequência discursiva “República de Curitiba” sob a ótica dos polos principais da disputa ideológica, onde cada lado buscou fazer prevalecer suas posições de sujeito.

É importante destacar que haveria espaço para o aprofundamento das análises discursivas dos materiais publicados física e virtualmente, considerando a riqueza das produções. No entanto, não foi possível realizar em função da necessidade de, provavelmente, ter que desfocar da análise principal e incluir outros conceitos fundamentais da AD, como Formação Discursiva (FD) e Posição Sujeito (PS), o que não era a intenção desse trabalho.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos do estado*. Lisboa: Editora Presença, 1980.

AMARAL, Roberto. *Vargas, Juscelino, Lula – o ódio vítreo que se construiu contra Vargas e JK é semelhante ao direcionado a Lula*. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/politica/vargas-juscelino-lula>. Acesso em: 18 jul. 2016.

CAZARIN, Ercília Ana. *A propósito de uma introdução para a Análise do Discurso da Escola Francesa*. Ijuí: UNIJUÍ, 1998.

COURTINE, Jean-Jacques. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

G1. *Membros da associação de juízes se mostram a favor de Sérgio Moro*. 17/03/2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2016/03/membros-de-associao-de-juizes-fazem-manifesto-em-favor-de-moro.html>. Acesso em: 18 jul.2016.

METRÓPOLIS. *Conversa entre Lula e Dilma*. 16/03/2016. Disponível em: <http://www.metropoles.com/brasil/politica-br/integra-da-transcricao-da-conversa-entre-lula-e-dilma>. Acesso em: 18 jul. 2016.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. *Caso Lava Jato*. Disponível em: <http://lavajato.mpf.mp.br/entenda-o-caso>. Acesso em: 18 jul. 2106.

OLIVEIRA, Mariana. *Lula repete Getúlio Vargas com nova estatal, dizem especialistas*. 01/09/2009. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,,MUL1287655-5601,00-LULA+REPETE+GETULIO+VARGAS+COM+NOVA+ESTATAL+DIZEM+ESPECIALISTAS.html>. Acesso em: 18 jul. 2016.

OLIVEIRA, Ricardo Costa de. *Lula é o maior líder popular depois de Getúlio Vargas*. Entrevista publicada na Gazeta do Povo On-line. 24/09/2006. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/lula-e-o-maior-lider-popular-depois-de-getulio-vargas-a7i80x876g2i0qveh7zbvix5a>. Acesso em: 18 jul. 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Texto e discurso. In: ORLANDI, E.P. *Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos*. Ed. Pontes. 3 ed. Campinas, Pontes: 2008. p.111-118.

PECHÊUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1988.

WIKIPÉDIA. *Lista de governadores do Paraná*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_governadores_do_Paran%C3%A1. Acesso em: 18 mar. 2019.

_____. *Lista de prefeitos de Curitiba*. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_prefeitos_de_Curitiba. Acesso em: 18 mar. 2019.

Recebido em 21.03.2019

Aceito em 20.09.2019